http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2026.v22n1a72230

Variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular com função de sujeito nas músicas de Poesia Acústica: análise sociofuncionalista sobre a influência da variável gênero

Variation of second-person singular subject pronouns in Poesia Acústica songs: a sociofunctional analysis of the influence of the gender variable

Dennis Castanheira[1]

Júlia Saadi[2]

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a variação pronominal de 2ª pessoa do singular entre os pronomes "tu", "você" e "cê" com função de sujeito nas músicas do projeto *Poesia Acústica*, examinando o papel da variável gênero. A pesquisa é fundamentada na perspectiva sociofuncionalista, integrando pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]) e do Funcionalismo Norte-americano (Givón, 1995), que consideram tanto condicionadores linguísticos quanto sociais na constituição da gramática. Também dialoga com estudos de gênero que discutem a relação entre papéis sociais, performances discursivas e práticas linguísticas (Ribeiro, 2018). Partimos da hipótese de que h]á uma relação entre a variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular com função de sujeito e a variável gênero, refletindo construções identitárias e discursivas. O *corpus* é constituído por todas as músicas do projeto, nas quais foram identificadas e classificadas as ocorrências dos pronomes. A metodologia é qualitativa e quantitativa, em que buscamos mapear os usos caso a caso e também sistematizá-los e tabulá-los por meio do Microsoft 365, mais especificamente, o Excel. Nossos resultados indicam diferenças significativas entre os gêneros, sugerindo que a variação pronominal, nesse *corpus*, opera também como estratégia discursiva vinculada às identidades e às performances dos artistas.

PALAVRAS-CHAVE: Variação pronominal de 2ª pessoa do singular. Sujeito. Sociofuncionalismo. Gênero. Poesia Acústica.

ABSTRACT

This study aims to investigate second-person singular pronominal variation among the pronouns *"tu", "você"* and *"cê"* functioning as subjects in the songs of the *Poesia Acústica* project, examining the role of the gender variable. The research is grounded in the sociofunctional perspective, integrating assumptions from Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]) and North American Functionalism (Givón, 1995), which consider both linguistic and social constraints in the constitution of grammar. It also engages with gender studies that discuss the relationship between social roles, discursive performances, and linguistic practices (Ribeiro, 2018). We start from the hypothesis that there is a relationship between the variation of second-person singular subject pronouns and the gender variable, reflecting identity and discursive constructions. The *corpus* consists of all the songs from the project, in which occurrences of the pronouns were identified and classified. The methodology is both qualitative and quantitative, seeking to map usages on a case-by-case basis and also to systematize and tabulate them using Microsoft 365, specifically Excel. Our results indicate significant differences between genders, suggesting that pronominal variation in this *corpus* also operates as a discursive strategy linked to the artists' identities and performances.

KEYWORDS: Pronominal variation of second-person singular forms. subject. Sociofunctionalism. Gender. Poesia Acústica.

[1] Universidade Federal Fluminense (UFF), denniscastanheira@gmail.com, https://orcid.org/0000-0001-9092-5936.

[2] Universidade Federal Fluminense (UFF), juliasaadi@id.uff.br, https://orcid.org/0009-0004-9063-0029.

Recebido em 19/01/2026 - Aceito em 11/06/2026

1. Introdução

A variação pronominal de segunda pessoa do singular no Português do Brasil (PB) constitui um dos fenômenos mais recorrentes e discutidos nos estudos de variação e mudança linguística (Paredes Silva, 2003; Mota, 2008; Ferreira, 2010; Scherre *et al.*, 2015; Silva, 2025). Diferentemente de outras línguas, o PB apresenta um quadro altamente heterogêneo, no qual diferentes formas pronominais com função sintática de sujeito ("tu", "você", "ocê" e "cê") coexistem de modo variável. Essa diversidade se manifesta tanto nos usos dos pronomes quanto nas flexões verbais associadas, configurando um campo rico para investigar o funcionamento social, histórico e discursivo da língua portuguesa.

Como fica evidente na discussão de Freitag (2015), nos estudos variacionistas, a variável gênero tem sido tradicionalmente considerada como um fator externo potencialmente relevante para essa variação, ainda que seus efeitos nem sempre sejam evidentes em todas as comunidades de fala. Pesquisas clássicas, como sumarizado por Paiva (2003), apontam que mulheres, em determinadas circunstâncias, tendem a favorecer variantes prestigiadas, enquanto homens podem aderir com maior frequência a formas socialmente menos monitoradas; entretanto, estudos posteriores problematizaram essa generalização ao demonstrar que os usos se relacionam a práticas sociais, papéis identitários e performances situadas (Coates, 2006; Freitag, 2015).

Considerando essas discussões revisionais, nosso objetivo é analisar, à luz do Sociofuncionalismo, a influência dessa variável na variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular com função sintática de sujeito nas músicas do projeto Poesia Acústica. Nossa hipótese é que há uma relação entre a variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular com função de sujeito e a variável gênero, refletindo construções identitárias e discursivas. Isso será explorado ao longo das próximas seções.

Destacamos que o projeto combina elementos do rap, trap, funk, reggae e da poesia falada, apresenta forte alternância de artistas, protagonismo diversificado e ambiente textual híbrido. Esse cenário favorece o surgimento de marcas linguísticas associadas à fala cotidiana e representativas do PB. Assim, o *corpus* constitui uma fonte relevante para observar como diferentes artistas mobilizam estratégias discursivas e como a variável gênero pode influenciar a seleção de variantes.

Do ponto de vista teórico, o estudo se fundamenta no Sociofuncionalismo, perspectiva que articula princípios da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-americano. Essa abordagem entende que o funcionamento da língua resulta da interação entre fatores estruturais e pragmáticos, sendo sensível às pressões discursivas, à frequência e à especialização de formas (Tavares, 2013; Tavares; Görski; Paza, 2025). Nesse viés, a variação é um reflexo das nuances comunicativas e a gramaticalização é um dos pontos centrais, tendo as motivações discursivas mapeadas.

Por fim, destacamos que o trabalho será organizado em algumas seções. Inicialmente, teremos um capítulo teórico voltado para os pressupostos do Sociofuncionalismo e para as discussões sobre a variável gênero. Em seguida, vamos expor como as gramáticas normativas e de uso apresentam os pronomes estudados, discutiremos os processos de mudança e gramaticalização envolvidos na consolidação da forma "você" e abordaremos os usos atuais dos pronomes de segunda pessoa. Logo

após, descreveremos a metodologia adotada para a composição e análise do *corpus* e, na sequência, exploraremos a análise dos dados, articulando os resultados quantitativos e qualitativos. Por fim, apresentaremos as considerações finais, acompanhadas da bibliografia utilizada ao longo da pesquisa.

2. Sociofuncionalismo e estudos de gênero

Segundo Castanheira (2018) e Sousa, Kanthack e Silva (2023), o Sociofuncionalismo engloba os pressupostos da Sociolinguística e do Funcionalismo norte-americano por meio do estudo da língua em uso de modo contextualizado. Essa articulação não é nova e vem sendo desenvolvida há algumas décadas em alguns centros de pesquisa brasileiros, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal do Sudoeste da Bahia.

Görski e Tavares (2013), Tavares (2013) e Tavares e Görski (2015) defendem que é possível relacionar as duas teorias, já que há diversos pontos estruturantes em convergência – ainda que seja necessário realizar algumas adaptações e concessões. Exemplos disso são: foco no uso nas análises da língua; mudança linguística vista como gradual; relação de complementariedade entre a sincronia e a diacronia; análise dos vários níveis da língua; vinculação entre língua e sociedade; pertinência dos fatores interacionais na variação e na mudança.

Para Tavares (2003), os pressupostos centrais da abordagem sociofuncionalista se voltam para a função a que serve a gramática, que nunca deve ser vista como algo pronto e constituído, mas como aquela que sofre alterações pelos usos dos falantes. Segundo a autora, é fundamental que haja, por parte do estudioso, análise das inter-relações entre condicionamentos internos e externos à língua, ponderando quais são as motivações em cada situação comunicativa e de que forma contribuem com as atualizações constantes. Assim, as estruturas são ligadas às motivações funcionais.

Além disso, são estudadas as diferentes etapas do processo de gramaticalização, partindo da ideia de que essa diversidade é influenciada pelas transformações que cada elemento sofreu ao longo de sua trajetória até alcançar a função que desempenha atualmente. Isso engloba, por exemplo, a gramaticalização do pronome "você" (Lopes *et al.*, 2025), que passou de pronome de tratamento para pronome pessoal e continua sofrendo redução, resultando nas formas "ocê" e "cê". Desse modo, considerando a língua como um fenômeno social além de um instrumento de interação, e também da coletividade, é necessário ponderar os condicionadores linguísticos e sociais que estão atrelados a uma situação comunicativa.

Além da gramaticalização, outro ponto bastante relevante é a marcação, em que são estabelecidos critérios, como a complexidade estrutural, a frequência e a complexidade cognitiva, que delineiam a distinção entre as categorias marcadas e não-marcadas. Pensando na variação dos pronomes de segunda pessoa do singular, a partir desse princípio, seria possível compreender qual é a estrutura mais e menos saliente (Cunha; Costa; Cezario, 2003). Segundo Givón (1995), a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo ser explicada com base em fatores comunicativos e cognitivos. Por

isso, algumas formas são marcadas em algumas situações e não são em outras.

No que tange à variável gênero, a discussão ocorre porque existe uma grande diferença nos valores e nos comportamentos que se esperam de um homem e de uma mulher, e "o cotejamento das estatísticas destas diferenças por sexo sinaliza padrões de gênero" (Freitag, 2015, p. 18). A autora ressalta, a partir dos dados do IBGE, que, no Brasil, o lento processo de mudança dos padrões culturais de gênero diminuiu as tradicionais dificuldades com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, reduziu a taxa de fecundidade e elevou a escolaridade das mulheres ao longo das últimas três décadas.

Segundo Paiva (2003), as investigações variacionistas inclinam-se para algumas noções no tocante à relação do gênero com os fenômenos linguísticos estudados. As mulheres tendem a ser menos inovadoras do que os homens quando são formas fora do padrão por sofrerem uma pressão do conservadorismo, contudo tendem às inovações quando são formas sem estigma. Nesse caso, utilizar a variante de prestígio seria uma forma de atingirem um maior *status* social, normalmente atrelado aos homens.

Por outro lado, Freitag (2015) afirma que, se a Sociolinguística tem como premissa o estudo da relação entre língua e sociedade, é preciso considerar que a atual realidade é bem diferente daquela apresentada nos anos de 1960, por exemplo, em que a mulher era vista como aquela que precisava manter o papel de mãe e educadora. Conforme Freitag (2015), autores como Severo (2006), criticam as elucidações já consagradas, tendo em vista que, embora versem sobre as diferenças que permeiam as questões linguísticas e sua relação com o gênero, não são suficientemente significativas no que tange às motivações para tais distinções e que houve muitas mudanças sociais ao longo dos anos.

Ao discutir os usos linguísticos das mulheres, também é preciso pensar que não se trata de um grupo homogêneo, pelo contrário, há que se considerar outros fatores, como escolaridade, raça, classe social e faixa etária. Isso indica que é preciso adotar um olhar interseccional, em que as mulheres sejam vistas a partir de suas múltiplas complexidades e características e também inseridas em um contexto discursivo que deve ser discutido e sistematizado (Ribeiro, 2018; Castanheira; Martins, 2024). Ressaltamos, contudo, que nem sempre é possível considerar todas essas complexidades devido ao *corpus* ou às informações disponíveis e, por isso, é preciso que a investigação considere o máximo de questões dentro das possibilidades.

Freitag (2015) ressalta que, para entender as relações de gênero, é preciso considerar a história do feminismo. Para Martins (2015), a disseminação das ideias de emancipação feminina trouxe consigo uma enorme quantidade de questionamentos sobre a materialidade desse sujeito. É necessário questionar, por exemplo, quem seriam esses novos sujeitos, quem são as mulheres aptas a adentrar no universo do reconhecimento de direitos, quais são os limites da identidade política das mulheres no processo de reivindicação e exercício de direitos.

Há, nesse âmbito, de acordo com Coates (2006) e Freitag (2015), diferentes olhares para o tratamento da relação entre linguagem e gênero: (a) déficit – nessa visão os usos linguísticos das mulheres constroem uma imagem de fraqueza, passando uma imagem de não-assertividade; (b)

dominância – sob esse olhar, as mulheres são um grupo oprimido e, por isso, a dominância masculina é reiterada pelos participantes de uma interação; (c) diferença – nessa visão, as diferenças culturais geram distinções entre homens e mulheres e (d) construção social – sob esse olhar, a identidade de gênero é uma construção social, "não é algo estático, mas é algo construído no cotidiano" (Freitag, 2015, p. 24).

Oushiro (2015), em um estudo que visa à discussão do papel que exerce a variável em gravações de 118 paulistanos, com ênfase nas concordâncias verbais de números em sintagmas verbais (SVs) de primeira pessoa do plural (1PP) e de terceira pessoa do plural (3PP), demonstrou a importância de considerar os grupos sociais ao definir as tendências de uso das formas padrão. No tocante à 3PP, por exemplo, a classe média apresenta uma maior adesão às formas padrão e a diferença entre gêneros é relativamente menor entre os informantes com Ensino Fundamental e Superior, em relação aos que cursaram até o Médio; já em relação à 1PP, as mulheres que pertencem à classe baixa com menor escolaridade e mobilidade apresentam um padrão inverso.

Além disso, o estudo ratifica a importância de compreender os diferentes papéis sociais de homens e mulheres e o seu pertencimento a distintos subgrupos para definir melhor as possíveis correlações e também haver um olhar multidimensional. Oushiro (2015) delineia alguns motivos possíveis que poderiam motivar a escolha das mulheres pelas variantes de prestígio, como, por exemplo, superar a falta de privilégios na sociedade ou por questões de *status* social no geral. A autora também salienta que os homens se reafirmam a partir da sua profissão ou renda.

Em um outro estudo mais recente, Castanheira e Martins (2024) objetivam à análise de letras de funk cantadas por mulheres para compreender se há relação entre os seus perfis sociais e musicais e as formas variáveis usadas. Semelhanças e diferenças entre os perfis das artistas foram percebidas por Castanheira e Martins (2024) ao procederem à análise das letras de músicas. Nas três letras, há casos de variação linguística, algumas mais ou menos aceitas socialmente. Além disso, há, em todas as letras, formas não padrão de maior estigma, como a não marcação da concordância. Embora tais usos possam estar relacionados a diferentes motivações, segundo os autores, é preciso destacar que há usos singulares que podem ser explicados pela construção da identidade das artistas.

A utilização do termo "otário", por Mc Carol, e a expressão "bom de cama", empregada por Luísa Sonza, são pontos que apresentam relevância dentro de uma análise. Assim, não apenas os casos de variação, mas a construção do contexto discursivo nas letras, como é feito pelo Sociofuncionalismo, são utilizados. Castanheira e Martins (2024) também conclui que, no caso do *feat* de Jojo Toddynho e Anita, fica nítida a diferença lexical que acompanha os perfis de ambas: enquanto a Anitta utiliza variantes mais aceitas e constrói uma imagem "familiar", Jojo Toddynho utiliza palavrões, de forma a afrontar a sociedade com seu discurso.

Destacamos, por fim, que, neste artigo, o Sociofuncionalismo é utilizado para fundamentar o trabalho realizado, o que se evidencia pela discussão da gramaticalização das formas "você" e "cê", que resulta em sua variação com "tu", pela análise do papel da variável gênero, pela análise do

contexto discursivo das músicas do projeto Poesia Acústica e pela discussão de questões semânticas e morfossintáticas ligadas à pragmática. Nesse âmbito, o Sociofuncionalismo engloba a interface variação-discurso, já sistematizada em reflexões teóricas prévias, aqui retomadas, como Tavares (2013), Castanheira (2018) e Tavares, Görski e Paza (2025).

3. Variação pronominal de 2ª pessoa do singular: o que dizem as gramáticas e as pesquisas linguísticas?

Com a finalidade de compreender como os gramáticos e os linguistas estudam os pronomes sujeito de segunda pessoa do singular, serão retomadas as visões de algumas Gramáticas Tradicionais (GT), de algumas Gramáticas Descritivas (GD) e de alguns estudos linguísticos de cunho socio(funcionalista). Isso possibilitará um panorama mais amplo do tema a fim de retomar o que já foi feito e também dialogar com os resultados a serem discutidos ao longo deste artigo.

Rocha Lima (2011 [1992], p. 156), com relação à segunda pessoa, menciona que se trata daquela com quem se fala, com singular "tu" e plural "vós", afirma que o verbo declara as pessoas a que o predicado faz referência e demonstra quais são as terminações referentes às pessoas verbais – no caso da segunda pessoa do singular ("tu"), acrescenta-se o "s" ao final do verbo ("tu amas"). Mais adiante, o autor cita o pronome "você", classificando-o como um pronome de tratamento, sendo esse familiar. O autor ainda frisa que, ainda que se refira ao interlocutor, exige concordância verbal com a terceira pessoa do singular.

Por sua vez, Cunha e Cintra (2016 [1985]) caracterizam os pronomes pessoais como aqueles que denotam as três pessoas gramaticais, ou seja, indicam quem fala, com quem se fala, de quem se fala. No caso da segunda pessoa do singular, afirmam que pertencem ao segundo caso, isto é, com quem se fala, e afirmam que "tu" é a forma singular de segunda pessoa, ao passo que "vós" é a forma plural. Já na seção denominada "pronomes de tratamento", Cunha e Cintra (2016 [1985]) abordam o pronome "você" e afirmam que, no caso do PB, substituiu o "tu" em algumas situações.

Já Bechara (2009) define os pronomes pessoais como os que designam as pessoas do discurso, classifica "tu" como segunda pessoa do singular e "vós" como segunda pessoa do plural. A respeito de "você", o autor menciona, ao longo da seção, que pertence ao que intitula como "formas substantivas de tratamento" ou "formas pronominais de tratamento", e, desse modo, é empregado no tratamento familiar. Ainda, conforme Bechara (2009), "você", hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência "vossa mercê", e "vocês" assume o plural de "tu", pelo fato de o pronome "vós" atualmente ser considerado um pronome em desuso – utilizado apenas nas orações e estilo solene.

Acerca das GD, destacamos Neves (2011), que afirma que os pronomes de segunda pessoa, seja do singular ou plural, fazem referência a um dos interlocutores, ou seja, a uma das pessoas que pertence ao circuito de comunicação. Ao apresentar o quadro pronominal, a autora cita "tu" e "você", como pronomes de segunda pessoa do singular. Posteriormente, esclarece que as formas "você" e "vocês" se referem à segunda pessoa, porém levam o verbo para a terceira pessoa, da mesma forma

que funciona com os pronomes de tratamento e ressalta que o emprego de "você" é muito mais difundido que o de "tu", ao se referir a um interlocutor.

Por outro lado, Castilho (2014) ressalta que os pronomes pessoais são muito suscetíveis a mudanças e que a sua reorganização no PB, principalmente em sua modalidade falada, acarreta fortes consequências na estrutura sintática da língua. Na apresentação dos pronomes pessoais do PB na atualidade, o autor considera "você", "ocê" e "tu" como pronomes de segunda pessoa do singular. Castilho (2014) também esclarece que "você" surgiu a partir da gramaticalização da expressão de tratamento "Vossa Mercê" e que pode ser explicada por questões fonológicas, sintáticas e pragmáticas.

Em relação aos estudos linguísticos, destacamos os trabalhos de Silva (2025), que esclarece que a forma "você" se relaciona diretamente à expressão de tratamento "Vossa Mercê", explicitada anteriormente como aquela que era utilizada para se referir a pessoas com uma elevada posição social. Ao longo do tempo, essa expressão sofreu um processo de desgaste fonético e redução lexical fruto da sua gramaticalização. Vale frisar que esse processo de transformações fonéticas foi se consolidando paulatinamente, sendo alimentado não só pelo fato de que a forma "Vossa Mercê" baixava na escala social, mas, ao mesmo tempo, por ser alvo de muita repetição a toda hora e por todo mundo.

Com o surgimento e a consolidação do uso de "você", no entanto, não houve a eliminação do pronome "tu". Este ainda é amplamente utilizado em diversas comunidades linguísticas, sendo muitas vezes acompanhado de formas verbais da terceira pessoa. Essa coexistência entre diferentes formas pronominais evidencia um sistema variado no PB, no qual múltiplas possibilidades são ativadas de acordo com fatores socioculturais e contextuais, como o grau de intimidade entre os falantes.

Paredes Silva (2003) investiga a trajetória do pronome "tu" na fala carioca, partindo da ideia de que, embora o português disponha de duas formas para a segunda pessoa ("tu" e "você"), descrições recentes restringiam o uso do "tu" quase exclusivamente ao Sul do país. No Rio de Janeiro, a substituição de "tu" por "você" ocorreu progressivamente ao longo do século XX, e a autora demonstra que, apesar desse apagamento histórico, há sinais de movimento de retorno do "tu" a partir da segunda metade do século XX, inicialmente associado a personagens de baixa condição social e a usos não padrão.

De acordo com a autora, a análise confirma tendências já instituídas na dramaturgia a partir dos anos 1950, que passaram a colocar o "tu" na fala de personagens jovens de classes sociais mais baixas, revelando um uso emergente e não padrão. Paredes Silva (2003) ainda argumenta que essa retomada se articula com outros fenômenos de variação de segunda pessoa e que a entrada histórica de "você" no sistema pronominal gerou desequilíbrios que ainda reverberam na fala carioca. Assim, a autora conclui que a nova configuração do sistema, marcada pelo uso socialmente estigmatizante do "tu" sem concordância, pode representar uma mudança linguística em desenvolvimento.

Por outro lado, Scherre *et al.* (2015), a partir de um mapeamento sociolinguístico do português brasileiro, compilam dados de diversas pesquisas feitas ao longo dos anos sobre o uso dos pronomes "tu", "você", "cê" e "ocê", não só com o objetivo de apresentar os resultados globais de diversos

trabalhos sociolinguísticos sobre os usos desses pronomes, mas remodelar mapa anterior para representar os seis subsistemas propostos no eixo geográfico ou horizontal. Nessa investigação, os trabalhos utilizados foram orientados pela perspectiva da Teoria da Variação e da Mudança linguística de base laboviana.

A partir dos resultados, as autoras propuseram a organização do uso desses pronomes em seis subsistemas: (i) somente "você"; (ii) predominância de "tu" com baixa marcação de concordância; (iii) predominância de "tu" com alta concordância; (iv) alternância entre "tu" e "você" com concordância baixa; (v) alternância entre "tu" e "você" com concordância intermediária; e (vi) uso de "você" e "tu" sem marcação de concordância. Esses são encontrados de diferentes maneiras nas localidades do país, como o Rio de Janeiro, e podem caracterizar alguns grupos a partir do seus perfis sociais.

Diante dos estudos expostos sobre a variação pronominal de 2ª pessoa do singular, podemos afirmar que a forma "você" passou por gramaticalização e está em variação com outras e que há diferentes usos em distintas regiões do Brasil, bem como há a necessidade de discutir o papel de cada variável de modo mais detalhado. Neste trabalho, faremos isso por meio da análise das músicas de Poesia Acústica nas próximas seções.

4. Metodologia

Na presente pesquisa, a metodologia empregada articula procedimentos quantitativos e qualitativos, tal como realizado em diversas pesquisas sociofuncionalistas, que reconhecem a importância simultânea da frequência e dos contextos discursivos para a constituição das formas gramaticais (Tavares, 2013; Castanheira, 2018). Isso indica que todos os dados foram analisados caso a caso e, posteriormente, quantificados e sistematizados para mapeamento de frequência de uso.

O *corpus* utilizado é composto por músicas do projeto Poesia Acústica, consolidado como uma das produções mais expressivas da cena musical urbana contemporânea no Brasil, caracterizado por um formato híbrido que articula elementos do rap, do trap, do funk e do reggae a arranjos predominantemente acústicos, especialmente o violão. Sua estrutura em formato de *cypher*, isto é, a reunião de múltiplos intérpretes em uma mesma faixa, cada um com a sua contribuição poética, de forma independente, aproxima a proposta tanto da poesia falada quanto da canção popular, resultando em composições extensas.

A historicidade do projeto remonta ao período que compreende os anos de 2016 e 2017, quando a *Pineapple Storm Records* idealizou a proposta como uma série capaz de reunir artistas de diferentes estilos dentro de um mesmo arranjo minimalista. Com o passar dos anos, o projeto foi expandido para múltiplas plataformas, especialmente o *YouTube* e os serviços de *streaming*, consolidando-se como um produto de multimídia de grande alcance e impacto cultural. Dentre os artistas mais recorrentes ou emblemáticos, estão Xamã, Lourena, MC Cabelinho, Filipe Ret, Azzy e L7NNON, formando um grupo heterogêneo.

Justificamos a escolha do *corpus* pelo fato de que as músicas apresentam um estilo discursivo híbrido, o que viabiliza a observação de fenômenos linguísticos que emergem na oralidade mais espontânea. Outro ponto é que percebemos que há poucos trabalhos variacionistas sobre músicas, o que indica que é preciso estudar e discutir com maior detalhamento os usos em amostras como essas. Por fim, destacamos que o projeto Poesia Acústica apresenta significativa diversidade de vozes, permitindo analisar a variável gênero enquanto condicionador extralinguístico ligado à performance e aos papéis sociais.

Nesse âmbito, foram utilizadas, ao longo da análise, 17 músicas, que é o quantitativo total de canções do projeto, focalizando os trechos em que há marcas explícitas de referência à segunda pessoa do singular. Os exemplos apresentados foram transcritos conforme a versão original presente nas plataformas digitais, preservando sua autenticidade. Esclarecemos, ainda, que as músicas são compostas pelos mesmos artistas que as cantam e que há menos mulheres do que homens nas músicas, o que impactou a construção das nossas tabelas na seção a seguir.

Após a constituição do *corpus*, procedemos à identificação de todas as ocorrências dos pronomes de 2ª pessoa do singular com função de sujeito encontrados: "tu", "você" e "cê". Ressaltamos que, no caso dos pronomes "você" e "cê", optamos por observar de forma isolada a variante "cê" (e não agrupá-la com o "você") para compreender melhor os usos que os cantores faziam dessa forma, uma vez que apresentou uma alta frequência. Enfatizamos, ainda, que não consideramos os casos de sujeito não expresso, ou seja, analisamos apenas os dados com usos dos pronomes com papel de sujeito morfossintaticamente expressos.

Para melhor quantificar e, posteriormente, analisar essas ocorrências, utilizamos o Microsoft 365, mais especificamente o Excel, para listar, tabular e organizar as ocorrências. A partir disso, consideramos os seguintes grupos de fatores: (a) gênero, (b) concordância e (c) tipo de referência. Buscamos, nesse âmbito, observar as tendências nos dois gêneros e comparar com resultados de trabalhos anteriores (Scherre *et al*., 2015; Franceschini; Lorengian-Penkal, 2015; Oushiro, 2015).

Por fim, destacamos que a variável gênero foi tratada associando as discussões dos estudos variacionistas tradicionais de modo integrado às atualizações teóricas recentes. Desse modo, não assumimos os comportamentos linguísticos masculino e feminino como categorias homogêneas, mas como indicadores que podem emergir a partir de configurações sociais contextualizadas e situadas, relacionadas à identidade, ao estilo discursivo e à performance artística, tal como discutido também em Castanheira e Martins (2024).

5. Análise

Nesta seção, será apresentada a análise realizada nesta pesquisa. Considerando a hipótese que orienta este estudo de que há uma relação entre a variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular com função de sujeito e a variável gênero, refletindo construções identitárias e discursivas, os dados serão discutidos de maneira qualitativa e quantitativa.

Inicialmente, apresentaremos a variação pronominal de 2ª pessoa do singular em relação aos dois gêneros, conforme os exemplos a seguir, com trechos das músicas analisadas:

(1) "Baby o que você queria, eu fiz
Tudo que você pediu, eu dei
Mas **tu** jogou o meu amor no abismo
Dividiu o que era dois pra três
E eu bem que tentei te fazer feliz [...]" (Maria – Poesia Acústica 5)

(2) "Quando **você** reparar, quando **você** me notar
Já vai ser tarde demais, não vai dar tempo mudar
Quero alguém pra me valorizar
Dizer que eu amo sem me preocupar [...]" (Lourena – Poesia Acústica 9)

(3) "[...] No dia em que tudo perder o valor
Talvez **cê** me diga, me diga
O que é saudade
Sem que alguém lhe culpe [...]" (Bob – Poesia Acústica 4)

Esses exemplos ilustram a variação aqui discutida, sistematizada na tabela 1:

Tabela 1: variação pronominal de 2ª pessoa do singular (tu x você x cê)

Homem		**Mulher**	
Tu	85/237	Tu	15/75
	35,86%		20%
Você	101/237	Você	49/75
	42,62%		65,33%
Cê	51/237	Cê	11/75
	21,52%		14,67%
Total	237/237	Total	75/75
	100%		100%

Fonte: Elaboração dos autores

Inicialmente destacamos que a tabela 1 é organizada de modo a separar a frequência de uso de homens e mulheres, visto que há uma quantidade desigual de artistas dos dois gêneros, havendo muito mais homens do que mulheres no projeto, o que poderia enviesar nossa análise. Nesse âmbito, é preciso analisar a variação pronominal em cada gênero para, posteriormente, comparar os percentuais e não os números isolados. Isso possibilita um percurso mais seguro analiticamente.

A tabela 1, que apresenta a frequência em relação aos dados da variação dos pronomes "tu", "você" e "cê", demonstra tendências que podem parecer similares, mas que, na verdade, apresentam

especificidades. Nos trechos cantados por homens, o pronome "você" teve 42,62%, seguido do pronome "tu", com 35,86% e do "cê", com 21,52%. Já nos trechos cantados por mulheres, o "você" também foi o mais usado, com 65,33%, seguido do "tu", com 20% e do "cê", com 14,67%. Isso indica que, na leitura vertical e separada das colunas, ambos utilizam mais o pronome "você", seguido de "tu" e "cê", havendo, então, as mesmas tendências de uso das variantes.

Contudo, em uma visão comparativa, percebemos algumas especificidades que precisam ser destacadas. Em relação ao pronome "você", apesar de ser mais frequente nos dois gêneros, tem uso muito mais expressivo nos trechos cantados por mulheres – 65,33% contra 42,62% nos trechos cantados pelos cantores. Na observação do pronome "tu", a diferença também se evidencia, já que os homens utilizaram em 35,86% e as mulheres em apenas 20%. Em relação ao "cê", os homens utilizam em 21,52% e as mulheres em 14,67%.

Tais diferenças podem ser explicadas pelas características desses pronomes de modo correlacionado à construção de gênero. Conforme Oushiro (2015), os dados podem refletir os distintos papéis sociais atrelados aos homens e às mulheres. No que concerne às mulheres, há uma preferência pela variante de prestígio discursivo, com mais polidez, "você", uma vez que o uso do pronome "tu", conforme demonstrado em estudos como o de Resende (2023), pode conferir ao discurso uma certa inadequação ou indelicadeza.

Durante a pesquisa realizada por Resende (2023), a qual versa sobre os usos dos dois pronomes na fala do município de Bagé (RS), alguns entrevistados se sentiram à vontade para tecer comentários a respeito de sua visão de língua e o falar imposto. Segundo a autora, uma das informantes relatou que, em uma conversa com seu chefe, se referiu a ele pelo pronome "tu", e, logo em seguida, ficou reflexiva e se sentiu mal pela forma com que se expressou, pensando ter sido grosseira ao fazer uso desse pronome, o que reforça a ideia de que o "tu" pode representar indelicadeza.

Destacamos, nesse âmbito, que os comportamentos dos indivíduos são influenciados pelas normas e expectativas culturais de cada sociedade. Desde cedo, somos socializados a seguir padrões de gênero que orientam desde a maneira de se vestir até a forma de se expressar. Enquanto os homens muitas vezes têm maior liberdade para adotar comportamentos mais agressivos ou desafiadores, as mulheres são frequentemente ensinadas a serem mais submissas, cuidadosas e reservadas, o que também se reflete na comunicação. Sob esse viés, as mulheres tendem a internalizar essas expectativas e adaptar seu discurso, enquanto os homens podem usar a linguagem de maneira mais fluida e legítima.

Também devemos relacionar tais debates a estudos, como Scherre *et al.* (2015), em que os autores demonstram que o pronome de 2ª pessoa do singular "você" é o mais comum no PB atual. Por esse motivo, o "você" pode ser interpretado pelas mulheres como a forma menos marcada e, por isso, a que deve ser usada para evitar julgamentos em detrimento de "tu" e "cê". Enquanto o "tu" tende a expressar maior grosseria, o "cê" é uma redução fruto da gramaticalização do "você" e ligado ao menor monitoramento; portanto, seu uso também pode fazer com que não sejam bem-vistas.

Isso é reforçado pelo estudo de Carvalho e Lopes (2022), em que as autoras demonstram que, quanto à percepção dos cariocas, o "você" é bem avaliado, enquanto o "tu" tende a ser visto como mais adequado quando usado em relações simétricas. Tendo isso em consideração, podemos afirmar que as cantoras, para não serem julgadas de modo negativo, usam o pronome "você" frequentemente, como demonstra a tabela 1. Como as mulheres são historicamente mais cobradas a seguir as normas sociais do que os homens, sua expressão é julgada como reflexo da sua educação e da sua moral. Por outro lado, o uso que se faz dessas mesmas variantes pelos homens tende a ser visto como sinal de virilidade ou autenticidade.

Para analisar com maior detalhamento a questão do "tu", observamos a relação de concordância entre o pronome e o verbo no *corpus*, conforme tabela 2:

Tabela 2: concordância verbal em relação ao "tu"

Homem		**Mulher**	
Padrão	--	Padrão	--
	--		--
Não padrão	85/85	Não padrão	15/15
	100%		100%
Total	85/85	Total	15/15
	100%		100%

Fonte: Elaboração dos autores

A tabela 2 demonstra o quantitativo de concordância com a segunda pessoa do singular relacionada aos usos do pronome "tu", tanto de homens como mulheres. Evidenciamos que ambos os gêneros, ao longo de todas as músicas aqui analisadas, não realizaram a concordância verbal, conforme os parâmetros da GT (gramática tradicional). Nos termos de subsistemas pronominais propostos por Scherre *et al.* (2015), esses usos revelam um enquadramento no sexto subsistema pronominal, marcado pela alternância entre os pronomes "você" e "tu" sem concordância.

Esses resultados podem ser relacionados com os dados da pesquisa de Silva (2019), em que há uma predominância de não ativação da flexão verbal de segunda pessoa, no uso do pronome "tu" pelos entrevistados. Ao investigar os falares da variedade dos falantes de Rio Branco (Acre), a autora explica que a utilização de "tu" com concordância verbal de terceira pessoa consiste em um subsistema sem possibilidade de concordância, uma vez que, ainda que o pronome mantenha uma especificação formal e semântico-discursiva de segunda pessoa, quando ativa a concordância com o verbo, a concordância verbal corresponde à terceira pessoa.

O uso do "tu" sem concordância por parte de homens e mulheres pode ter ocorrido também pelo *corpus* elegido, o que sugere uma motivação de natureza funcional. O Poesia Acústica é um projeto conhecido como um rap de base acústica, que também incorpora elementos de *trap*, *reggae* e do *funk*, e, por isso, é híbrido em relação à modalidade, com características da fala e da escrita. Com isso,

nesse contexto, os usos de "tu" sem concordância se tornam mais esperados e menos marcados, tendo em vista a natureza discursiva desses gêneros musicais, geralmente associados à linguagem cotidiana, e ao hibridismo típico das músicas. A mistura de ritmos no Poesia Acústica não só reflete a cultura urbana, mas também um tipo de expressão mais próxima à realidade dos falantes.

Nesse cenário, a ênfase na autenticidade comunicativa faz com que essa forma de expressão se torne uma característica esperada e valorizada, refletindo a identidade do grupo e da familiaridade com o público jovem e periférico. Além disso, esse uso linguístico pode ser entendido como uma forma de resistência à norma-padrão, conferindo ao discurso uma dimensão de liberdade e subversão que está em sintonia com as temáticas de contestação e afirmação presentes nas músicas de Poesia Acústica, como discutido em Castanheira e Martins (2024), acerca do funk.

Então, as explicações para as formas não padrão de concordância nos usos do pronome "tu" em Poesia Acústica em ambos os gêneros podem ser, possivelmente, as características do *corpus*, formado por músicas que mesclam diferentes gêneros musicais, que, no geral, são mais próximos à fala cotidiana e à representação identitária típica do projeto musical aqui discutido e dos gêneros acionados, que tende a representar a ruptura com os modelos tradicionais de comportamento social e de usos gramaticais. Por isso, o "tu" sem concordância é menos marcado nesse contexto.

Outro ponto é que a tabela 2 deve ser analisada de modo integrado à tabela 1. Embora ambos os gêneros não utilizem o "tu" com flexão de 2ª pessoa, é preciso considerar que, no caso dos homens, o uso é mais comum do que das mulheres. Por ser algo mais marcado nesse contexto discursivo e também uma característica já comum no PB, seria improvável que qualquer cantor ou cantora de Poesia Acústica utilizasse formas, como "tu és". Nesse âmbito, o fato de as mulheres usarem o "tu" menos do que os homens está diretamente relacionado ao maior percentual de uso do "você", provavelmente para que o julgamento seja menor, já que esse é mais bem avaliado (Carvalho; Lopes, 2022).

Outro ponto analisado em nosso trabalho foi o tipo de referência. Vejamos, então, exemplos dos usos das formas por homens e mulheres em cada tipo de referência genérica e específica, respectivamente:

(a) Homem:

I. Referência genérica

(4) "Ret, boladão
Sem rodeio, só visão
Apenas faça
Tu pode não ter talento, mas raça é obrigação
Sem perdão, louco pra sempre
Tô deixando que os bobo se queime [...]" (Filipe Ret – Poesia Acústica 9)

(5) “De segunda a sexta eu faço referência
Só não me compara
Não há nada igual que **você** conheça
As leis estão aí, então desobedeça
Tudo que vai e passa vira experiência
Uma dose de sanidade na independência, fé.” (Hariel – Poesia Acústica 7)

(6) “No dia em que tudo perder o valor
Talvez cê me diga, me diga
O que é saudade
Sem que alguém lhe culpe
Ou que alguém lhe julgue
Eu vi a inveja comprar o homem
Pro homem comprar algo inútil
Chega a ser cômico, ilógico
Vê que **cê** pode ser o próximo [...]” (Bob – Poesia Acústica 4)

II. Referência específica

(7) “E se hoje eu te ligar, é melhor **tu** não atender
Já separei tuas coisas, não consegui devolver
Se quiser, tu vem buscar, sabe, eu vou te receber
Tudo aquilo p’a falar, tanta coisa que eu queria esquecer [...]”
(Derxan – Poesia Acústica 14)

(8) “E seja para mim só
Seja pra mim só (oh, fé)
Eu sei que **você** é só sua
Assim como eu sou só meu [...]” (Dudu – Poesia Acústica 6)

(9) “Quero sentir a sensação da primeira vez que te vi
Explicar pro coração que cê faz falta nem sempre dá
Te vejo nos melhores sonhos, tenho planos pra nós
Se te beijo, ouço o som dos anjos
Com seu rosto, sua voz, tô indo te buscar
Ter onde voltar, pra onde chegar, chegar
Cê me deixa sem ar
Pra nunca faltar motivos pra comemorar.” (MC Chris – Poesia Acústica 11)

(b) Mulher:

II. Referência específica

(10) "Melodia dos teus suspiros, sua voz no meu ouvido
Poder dizer que tá comigo, quero te apresentar
Pra minha mãe, levar a sogrinha pra jantar
Eu entreguei tudo que podia, tudo que até não tinha
Tudo que um dia me fez infeliz
E eu não tinha nada, nadava contra a maré
Fiz todo o caminho a pé, **tu** não me deixou desistir." (Elana Dara – Poesia Acústica 8)

(11) "Não vou falar de amor, **você** não merece
Me esquece, sai fora, eu tô tão de boa
E já passou da hora de você cuidar da sua vida
Só liga se for pra me pagar." (Marina Sena – Poesia Acústica 12)

(12) "Ah, se perguntarem o que é amor pra mim
Eu não sei responder, não sei explicar
Mas tudo fica sem graça, amor, se **cê** não tá." (Duquesa – Poesia Acústica 17)

Conforme indicam os exemplos acima, os homens utilizaram as três variantes no que tange aos dois tipos de referência, genérica e específica, já as mulheres utilizaram apenas a referência específica. A principal diferença entre as duas referências é que, a partir da referência genérica, primordialmente nesse contexto de músicas, é realizada uma atribuição a um referente de caráter mais amplo e geral, ao passo que, na referência específica, há uma designação de um referente determinado.

Em relação à referência genérica associada aos três casos de usos dos pronomes de segunda pessoa do singular, no caso dos homens, não há um referente específico ao qual os três cantores se dirigem, mas sim a qualquer interlocutor que possa ouvir a música e refletir sobre os temas ou ideias mencionados. A escolha do uso do pronome "tu", no trecho de autoria do Filipe Ret, "Apenas faça / **Tu** pode não ter talento, mas raça é obrigação" faz com que a mensagem se aplique a qualquer ouvinte ou pessoa que se identifique com a ideia de que, mesmo sem talento, a "raça" (esforço, persistência) é um requisito essencial.

Do mesmo modo, Hariel, a partir do uso do pronome "você", se refere a qualquer ouvinte que possa se identificar com a ideia de ser incomparável e com a crítica à padronização, em "Só não me compara / Não há nada igual que você conheça / As leis estão aí, então desobedeça" e, por último, Bob, utilizando o pronome "cê", atinge aquele interlocutor que possa ouvir a música e refletir sobre o tema da saudade, em "No dia em que tudo perder o valor / Talvez **cê** me diga, me diga / O que é saudade", e, em seguida, realiza uma crítica direta ao consumismo movido pela inveja e à ideia de que as pessoas compram coisas inúteis apenas para se encaixar em um padrão social ou para competir

com os outros, em "Eu vi a inveja comprar o homem / Pro homem comprar algo inútil / Chega a ser cômico, ilógico / Vê que **cê** pode ser o próximo."

Em contrapartida, nos usos da referência específica por homens e mulheres, no caso do pronome "tu", existe uma pessoa a que o pronome faz alusão, o parceiro romântico, como nos trechos "E se hoje eu te ligar, é melhor **tu** não atender / Já separei tuas coisas, não consegui devolver", de autoria de Derxan, e "E eu não tinha nada, nadava contra a maré / Fiz todo o caminho a pé, **tu** não me deixou desistir", de autoria de Elana Dara. No primeiro caso, tendo em vista o contexto em que a forma foi utilizada, a pessoa à qual o falante se refere foi alguém que provavelmente teve uma relação pessoal e íntima, provavelmente uma ex-namorada ou alguém com quem esteve envolvido emocionalmente, e parece haver uma tentativa de desapego. Já no segundo caso, o sujeito compartilha aspectos de um relacionamento que se tornou significativo o suficiente para ser integrado à sua vida familiar e afetiva.

Ainda sobre as referências específicas, no caso do pronome "você", de forma similar, os cantores Dudu e Marina Sena aludem a pessoas com quem o eu possui uma relação direta. Nos trechos "Seja pra mim só (oh, fé) / Eu sei que **você** é só sua", existe um tom de reflexão sobre a autonomia do outro e o desejo de exclusividade, mas com respeito pela individualidade da pessoa. Por outro lado, nos trechos de Marina Sena, "Não vou falar de amor, **você** não merece / Me esquece, sai fora, eu tô tão de boa", há uma ênfase no término de uma relação, com a expressão de desaprovação e distanciamento.

Por, no caso do pronome "cê", também a partir das referências específicas, podemos pensar que, tanto no trecho de MC Chris, como no de Duquesa, há uma referência a alguém que se ama e que se quer bem. Quando MC Chris afirma "Explicar pro coração que cê faz falta nem sempre dá / Te vejo nos melhores sonhos, tenho planos pra nós / Se te beijo, ouço som dos anjos", na verdade, está ao mesmo tempo dizendo que ele tem urgência de um certo alguém, e que tudo que há de bom se encontra ali. Por outro lado, Duquesa afirma não saber exatamente explicar o sentimento amor, mas acaba resumindo-o em um alguém específico quando diz que "Mas tudo fica sem graça, amor, se **cê** não tá."

Cabe examinarmos, então, a tabela 3, em que quantificamos as ocorrências desses dois tipos de referências relacionadas ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em cada gênero:

Tabela 3: tipo de referência na variação pronominal de 2ª pessoa do singular

HOMEM			**MULHER**		
Tu	Específica	80/85	Tu	Específica	15/15
		94,12%			100%
	Genérica	5/85		Genérica	--
		5,88%			--
Você	Específica	98/101	Você	Específica	49/49
		97,03%			100%
	Genérica	3/101		Genérica	--
		2,97%			--

Cê	Específica	48/51	Cê	Específica	11/11
		94,12%			100%
	Genérica	3/51		Genérica	--
		5,88%			---

Fonte: Elaboração dos autores

A tabela 3 apresenta, relacionados à variação dos pronomes "tu", "você" e "cê", os percentuais dos dados relativos ao tipo de referência utilizada pelos homens e pelas mulheres: específica ou genérica. De maneira geral, percebemos que, nos usos do pronome "tu", com 94,12%, homens, e 100%, mulheres, bem como no uso do pronome "você", com 97,13%, homens, e 100%, mulheres, ou também no uso do pronome "cê", com 94,12%, homens, e 100%, mulheres, há uma tendência pelo tipo de referência específica. Tal ponto está relacionado a diversas questões, como exploraremos a seguir.

É importante destacar que, em relação aos homens, os percentuais são variáveis, mas, no caso das mulheres, são categóricos, o que demonstra uma diferença, e se alinha com a teoria das regras propostas por Labov (2003). Segundo o autor, as regras categóricas são aquelas que se manifestam de forma consistente, sem exceções, nos dados de fala, enquanto as regras variáveis são caracterizadas por alternâncias que dependem de fatores contextuais, sociais ou situacionais. Labov (2003) também destaca que uma estrutura linguística ser admitida como uma opção gramatical não significa que seja categoricamente usada ou que tenha um comportamento variável em todas as circunstâncias, tendo em vista que a quantidade de dados e os contextos específicos em que essas formas aparecem são essenciais para determinar a natureza da variação em uma língua.

Apesar de não haver dados sobre o uso de referência genérica em relação às mulheres, observamos que os homens utilizam ambas, mas muito mais a referência específica. Esse padrão corrobora os desdobramentos em Silva (2019), os quais fazem alusão a um emprego desses pronomes tanto no caso de uma referência genérica ou específica. Com base nos dados que evidenciam a variação entre "tu" e "você" na variedade rio-branquense, e considerando os dois tipos de referência, a autora enfatiza que o fenômeno é dependente de uma escolha funcional, já que o uso de uma variante ou outra dependerá da escolha do falante, baseada nos propósitos comunicativos que ele busca alcançar durante o processo de interação em que está envolvido.

Destacamos, ainda, que a referência específica aponta para um referente claramente identificado, facilmente reconhecido, ao passo que a referência genérica não faz alusão a um referente determinado ou específico. O uso elevado, em ambos os gêneros, da referência específica parece ter uma motivação funcional, relacionada ao *corpus*. A amostra muito se aproxima do diálogo, uma vez que são diversos cantores (homens e mulheres) que participam de cada uma das músicas, e esses artistas cantam e compartilham suas contribuições a partir de uma troca que se estabelece. Há, então, alternância de cantores, os quais trazem suas percepções, experiências e visões no tocante a diversos assuntos.

Desse modo, as músicas representam diálogos entre tais artistas, o que pode explicar o maior uso de referências mais específicas.

Já o uso da referência genérica, especificamente por parte dos homens, pode ter um valor discursivo. O funcionamento dessa referência, nesse *corpus*, pode estar atrelado à interlocução com o público; uma espécie de "conselho", uma voz que se dirige àquele que ouve. Inclusive, o fato de os homens utilizarem esse tipo de referência, e não as mulheres, parece se relacionar com uma questão de cunho social: a heteronormatividade, bastante evidente nas músicas de Poesia Acústica, predominantemente dominadas por homens.

Embora o projeto Poesia Acústica conte com algumas mulheres, a representatividade feminina ainda é pequena. Essa disparidade reflete questões de cunho social e discursivo: uma estrutura de poder desigual a qual implica restrição do protagonismo feminino, silenciando experiências e perspectivas valiosas. O uso da referência genérica por parte dos homens representa o reforço da ideia do homem como conselheiro do seu público. Esse cenário, portanto, corrobora a hipótese de que a desigual representatividade entre homens e mulheres influencia os usos dos pronomes de segunda pessoa do singular, refletindo padrões discursivos caracterizados por assimetrias de gênero, apesar do pouco quantitativo de dados.

Souza (2023) discute a influência dos gêneros rap, trap e funk sobre a imagem da mulher. A autora analisa algumas letras de música desses gêneros, sendo todas cantadas por homens, e analisa como há relações de poder em diversos trechos das letras. A falta de representatividade feminina é algo que chama a atenção da autora, bem como a objetificação feminina, corroborando a lógica de que a mulher é submetida a expectativas que buscam moldar seu comportamento, suas escolhas de vestuário, sua linguagem, sua postura e até mesmo companhias que mantém.

Sob esse viés, os homens estão, como figuras centrais e dominantes nas músicas de Poesia Acústica, ocupando um lugar de maior representatividade, voz e imagem de sabedoria na sociedade. Por vezes, ao longo das músicas, utilizam a referência genérica para orientar o público, a partir de suas vivências e experiências, reforçando a questão da identidade e da performance. Alguns trechos, como, por exemplo, "[...] no dia em que o mundo perder a cor, talvez você entenda a verdade, no dia em que tudo perder o valor […]" (Poesia Acústica 4, de autoria do cantor Bob), ou "[...] sem rodeio, só visão, apenas faça, tu pode não ter talento, mas raça é obrigação […]" (Poesia Acústica 9, de autoria do cantor Filipe Ret), demonstram esse teor de "conselho", a partir do uso da referência genérica, mais marcada nesse *corpus*.

Os resultados apresentados nesta seção confirmam a hipótese desta pesquisa, demonstrando como o uso da linguagem está, habitualmente, atrelado às diferentes expectativas sociais e culturais para os gêneros, refletindo as dinâmicas de poder e os seus papéis na sociedade. A variação pronominal entre "você", "tu" e "cê" com função de sujeito, então, está diretamente relacionada a questões identitárias e discursivas, já que há diferenças que se evidenciam pelos resultados qualitativos e quantitativos e que indicam que essa temática deve ser ainda mais explorada.

6. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo investigar a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular com função sintática de sujeito, "tu", "você" e "cê", nas músicas do projeto Poesia Acústica, a partir de uma perspectiva sociofuncionalista, observando especialmente o papel desempenhado pela variável gênero na distribuição dessas formas. Delineamos a análise a partir do *corpus* constituído por todas as músicas que compõem o projeto, nas quais foram identificadas, classificadas e interpretadas as ocorrências pronominais. A partir disso, buscamos compreender se o gênero dos artistas influi na escolha das variantes e de que maneira esse comportamento linguístico se manifesta nos versos analisados.

Ao examinarmos as músicas, observamos que as formas consideradas, "tu", "você" e "cê", ocorrem no *corpus*, ainda que com distribuições distintas, já que, apesar de o "você" ser o mais frequente, isso não ocorre de modo igualitário entre homens e mulheres. Os dados coletados permitiram-nos confirmar a predominância da forma "você" no conjunto total das ocorrências, acompanhando tendências já descritas para comunidades urbanas do PB, como evidenciado, dentre outros, por Scherre *et al.* (2015). Contudo, evidenciaram também a vitalidade do "tu" e a expressividade de "cê".

Ao analisarmos o papel da variável gênero, foco central deste estudo, observamos que a distribuição das variantes não é uniforme entre homens e mulheres. A tabela 1 revelou diferenças quantitativas em relação a homens e mulheres na variação pronominal, com uso mais expressivo de "você" nos trechos cantados por mulheres, e a tabela 2 demonstrou que os usos de "tu" são sempre sem concordância. Além disso, percebemos, nesse *corpus*, os usos dos pronomes pelas mulheres sempre com valor diretivo, ao contrário dos homens que também têm usos genéricos, possivelmente pela construção do seu papel social nas músicas como conselheiros e como grupo dominante.

Esses resultados permitem retomar a hipótese de pesquisa formulada neste trabalho. Partimos da hipótese de que há uma relação entre a variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular com função de sujeito e a variável gênero, refletindo construções identitárias e discursivas. Nossa hipótese foi confirmada, porque, no *corpus* examinado, de fato, surgem diferenças na distribuição das variantes correlacionadas ao gênero. Esse efeito deve ser interpretado como um reflexo de práticas discursivas e de modos de construção identitária de homens e mulheres.

Enfatizamos, ainda, que, devido à limitação do *corpus*, não foi possível realizar outros cruzamentos a fim de averiguar, de maneira multifatorial e interseccional, questões raciais e de classe acerca das mulheres do projeto Poesia Acústica. Com poucas participantes, não houve como discutir, de modo integrado, tais pontos, mapeando possíveis outras influências. No entanto, já conseguimos atestar a relevância da variável gênero, o que representa um avanço para uma agenda de trabalho ainda pouco discutida e com necessária revitalização, como apontam os trabalhos recentes.

Destacamos, por fim, que o *corpus* escolhido constitui um material linguístico ainda pouco explorado por estudos variacionistas e que a abordagem sociofuncionalista adotada ao longo do trabalho foi especialmente produtiva para este tipo de análise. Ao considerar simultaneamente

questões linguísticas, sociais e discursivas, essa perspectiva permitiu observar não apenas a frequência das formas, mas também suas funções e valores no contexto de uso, destacando questões, como a gramaticalização do "você" e do "cê", a marcação situacionalmente analisada e a interface variação-discurso. Dessa maneira, o estudo conseguiu integrar a dimensão quantitativa e qualitativa, oferecendo uma dimensão mais ampla e consistente dos dados encontrados.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa***.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTANHEIRA, Dennis. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação-discurso. *Falange Miúda*, v. 3, pp. 87-95, 2018. Disponível em: https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/506. Acesso em: 04 abr. 2026.

CASTANHEIRA, Dennis; MARTINS, Yasmim. "Meu namorado é mó otário": análise sociofuncionalista de funks cantados por mulheres. *Revista E-scrita*, v. 15, pp. 155-168, 2024. Disponível em: https://revistasuniabeu.com.br/index.php/revista-e-scrita/article/view/72. Acesso em: 04 abr. 2026.

CARVALHO, Bruna Brasil de Albuquerque; LOPES, Célia Regina dos Santos. "Esse uso está adequado?": a percepção dos cariocas sobre as formas tu e você. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, pp. 59-79, 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122710/85280. Acesso em: 22 jun. 2025.

CASTILHO, Ataliba. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014

COATES, J. Gender. *In*: LAMAS, C.; MULLANY, L.; STOKWEEL, P. *The Routhledge Companion of Sociolinguistics.* Nova York: Francis & Taylor, 2006, p. 62-68.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016 [1985].

CUNHA, Maria Angélica Furtado; COSTA, Marcos.; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org). *Linguística funcional*: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 21-47.

FERREIRA, Ediene. O uso dos pronomes tu e você em textos orais na cidade de Santarém. *Margens*, v. 6, n. 10, pp. 279-293, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2825. Acesso em: 01 jun. 2026.

FREITAG, Raquel. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In*: FREITAG, Raquel; SEVERO, Cristiane. (org). *Mulheres, Linguagem e Poder* – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, pp. 17-74.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A variável sexo/gênero e o uso de tu/você no sul do Brasil. *Signum*: Estudos da Linguagem, [*S. l.*], v. 18, n. 1, pp. 182-205, 2015. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20205. Acesso em: 18 ago. 2025.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, v. 15, pp. 75-97, 2013.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). *Sociolinguistics*: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. pp. 235-250.

LOPES, Célia Regina dos Santos; COELHO, Izete; RUMEU, Márcia; SOUZA, Christiane Nunes de. História dos pronomes de tratamento no português brasileiro. *In*: MARTINS, Marco Antonio; OSÓRIO, Paulo; COELHO, Izete (org.). *História do português brasileiro*: trajetórias e perspectivas. Berlin; Boston: De Gruyter, 2025. pp. 161-196.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito "nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, v. 4, n. 1, pp. 231-245, 2015. Disponível em: https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443. Acesso em: 20 jan. 2026.

MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DHJPA/1/mariaalice_mota_diss.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OUSHIRO, Livia. Interação entre sexo/gênero e classe social no uso variável da concordância verbal. *In*: FREITAG, R. M. Ko.; SEVERO, C. G. (org.). *Mulheres, linguagem e poder*: estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. pp. 151-168.

PAIVA, Maria da Conceição. de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.) *Introdução à Sociolinguística* – o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 33-42.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. *In*: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (org.) *Português brasileiro*: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, pp. 160-169.

RESENDE, G. M. *Variação dos pronomes tu x você, na fala bageense*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa), Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2023. Disponível em: https://repositorio.unipampa.edu.br/items/fc57e214-b43e-4c08-9977-c00ca382c781. Acesso em: 08 jan. 2026.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011 [1972].

SEVERO, Cristine Görski. O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 8, n. 1, pp. 1-8, 2006. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6137777.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina Queiroz; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes "tu" e "você". *In*: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. pp. 133-172.

SILVA, Marinete Rodrigues da. *Tu e você na variedade rio-branquense*: um caso de variação ou de escolha funcional? 2019. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_a95e81ed06b088524bfefe990fe2a659. Acesso em: 10 jan. 2026.

SILVA, Suziane de Oliveira Porto. Tu, você ou cê? Um olhar sociolinguístico sobre o pronome de segunda pessoa do singular no português brasileiro. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 8, n. 19, pp. 1-11, 2025. Disponível em: https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/2208. Acesso em: 05 jan. 2026.

SOUSA, Valeria Viana; KANTHACK, Gessilene; SILVA, Camilo Rosa. Cartografia do Sociofuncionalismo no Nordeste. *In*: FREITAG, Raquel; AZEVEDO, Isabel Cristina. (org.). *Cartografia de pesquisas linguísticas no Nordeste*: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces. Campinas: Pontes, 2023, v. 3, pp. 129-156.

SOUZA, Evellyn Larissa Fernandes Benites de. *A objetificação da mulher no rap, trap e funk sob a visão da criminologia feminista e cultural*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Plesbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Disponível em: https://dspace.mackenzie.br/items/7b177340-5d74-4795-836f-b2694272d0af. Acesso em: 20 jul. 2025.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO*: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo – propulsora de informações –um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, pp. 27-47, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1312. Acesso em: 20 jun. 2025.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e sociofuncionalismo. *In*: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria; PAZA, Carla Regina Martins. Gramaticalização: por uma perspectiva socialmente situada. *Estudos da Língua(gem)*, v. 23, n. 1, pp. 1-24, 2025. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/18345. Acesso em: 09 jan. 2026.